

Proposições poéticas para pensar a docência em Artes Visuais

Tharciana Goulart da Silva

Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado, projetos poéticos, a/r/tografia.

Este texto, assim como outros que integram a proposta do VIII Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual (SIPACV) – realizado em agosto de 2025 –, não nasceu do modo como agora se apresenta. A princípio, tratava-se de um resumo expandido no qual apresentava e discutia os projetos que realizei nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O foco da escrita continua o mesmo; contudo, durante o SIPACV, fui atravessada por outras experiências as quais contribuíram para a ampliação do resumo e das reflexões sobre o tema aqui abordado.

O Seminário foi estruturado pelos organizadores em formato de assembleia e cada grupo teve um mediador. Durante quatro dias nos encontramos para criar outros modos de pensar sobre as pesquisas, formas menos diretas, que tangenciam proposições artísticas e a relação entre a arte e a vida, bem como, a realização de práticas coletivas, o trabalhar junto desenvolvendo a escuta ativa.

A experiência no SIPACV foi ampla e intensa, tanto pela estrutura da assembleia quanto pelo fato de estar em outra cidade, país e cultura. Assim, é um desafio escrever este texto, pois diante de tantas coisas que ocorreram e questões que saltaram aos olhos, tornou-se complexo selecionar pontos centrais para uma reflexão. Mas, buscando me alinhar à proposta da abordagem a/r/tográfica que abre espaço para outras formas de escrita e reflexões visuais, bem como mantendo a discussão do texto centrada nas práticas poéticas realizadas nas aulas de Estágio Curricular, escolho apresentar o corpo deste texto em formato de carta. Ela é destinada a Gabriel Bonfin, amigo e professor no curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Londrina (Paraná, Brasil).

Esse formato de escrita também encontra respaldo nos textos de bell hooks (2017, p. 27), que articula “[...] as ideias aprendidas no contexto universitário e as aprendidas na vida prática.” e assim, desenvolve escritos onde as experiências práticas impulsionaram reflexões no contexto teórico, e em muitos momentos, explora ainda outros modos de construção de textos acadêmicos, como em “Paulo Freire”, capítulo quatro do livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, no qual a autora cria um diálogo entre Gloria Watkins e bell hooks (pseudônimo de Gloria) para discutir e rever ideias de Freire.

De: Tharciana Goulart

Para: Gabriel Bonfin

Querido Gabriel, a tempo não nos vemos. Você mudou de cidade e eu não pude ir na despedida. Perdão, estava atordoada com o trabalho. Como você está? Como está sua nova morada? Está gostando de ser professor na Universidade? Como está a organização das suas aulas?

Escrevo esta carta para contar uma experiência que tive, e também para te convidar a pensar comigo sobre arte, escola e docência. Escrevo para você porque já tivemos trocas de escritos anteriormente e elas foram significativas para mim. Esta carta que te envio fará parte de um artigo acadêmico. Isso pode parecer, a princípio, meio estranho, mas vou te explicar melhor.

Em agosto deste ano participei do VIII Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual (SIPACV), no Uruguai. Foi a primeira vez que estive neste evento. Ele foi recomendado por amigas que estavam presentes em edições anteriores. Enviei um resumo expandido intitulado "Proposições poéticas para pensar a docência em Artes Visuais". Até este momento eu estava em um lugar razoavelmente confortável, pretendia falar (ou propor algo) sobre (a partir de) minha pesquisa, sobre como estou desenvolvendo as aulas de Estágio Curricular na UDESC e os projetos poéticos neste contexto. A chamada de trabalhos para o evento já deixava claro que o formato de apresentação seria distinto, mas eu ainda não havia compreendido bem como ocorreria.

O primeiro desafio foi escolher um objeto para levar, conforme havia sido solicitado por um e-mail pela organização do evento: "Les pedimos que traigan un objeto proveniente de su lugar de origen que esté vinculado a su investigación o al tema que presentaron para participar del seminario.". Escolhi uma de minhas coletas, um vidrinho com asas de libélulas.



Fig. 1. Vidro com asas de libélulas, objeto levado para o evento SIPACV.

O segundo desafio foi viajar de avião sozinha. Eu não tenho medo de estar no ar (ou não tinha) mas sempre tenho medo que algo dê errado e eu perca o voo. Maicon me levou até o aeroporto de Floripa, me ajudou a despachar a bagagem e nos despedimos. Deu tudo certo, mas peguei uma turbulência que me assustou. Outras pessoas também se assustaram e uma criança repetia em voz alta e chorosa “Mãe, eu quero sair desse avião, eu não gosto desse avião”. Fiquei com medo, mas as coisas se acalmaram e não demorou muito para chegarmos ao aeroporto de Carrasco.

Lá mesmo, conheci outras pessoas que também participariam do evento. Fiquei em um hotel próximo à Rambla, com uma vista para o mar, e tive a companhia de Aline, uma amiga querida. No dia seguinte fomos caminhando para a Faculdade de Artes da Universidade da República, onde ocorreu a abertura do evento. Neste momento entendi melhor a proposta.

Na abertura, enquanto os organizadores explicavam o formato das assembleias, lembro de ter ouvido algo como: “Não sabemos se deste modo dará certo, mas precisamos fazer juntos para descobrir. É um desafio.” Achei bonito e corajoso e, além disso, coerente com uma das questões que norteavam a chamada de trabalhos: “Como desafiamos hierarquias e formas estabelecidas de produção de conhecimento?” Guarde essa pergunta, Gab, ela é importante. Foi ela que, ainda na escrita do resumo, selecionei como chave para o diálogo.

Fiquei na Assembleia D, mediada pela professora Amparo Alonso Sanz, da Universidade de Valência. A sala tinha em torno de 44 pessoas, havia brasileiros do norte, sudeste e sul. Chilenos, argentinos e uruguaios. A maior parte do tempo a comunicação foi em espanhol ou “portunhol”, quando falavam devagar eu compreendia melhor. Não me arrisquei a falar em outra língua, me mantive no meu português manezinho de Florianópolis.

Na primeira assembleia, que ocorreu no mesmo dia que a abertura, os objetos que levamos foram colocados no chão, ao centro da sala. A mediadora fez o convite para que nos apresentássemos por meio deles, mas não poderíamos usar o nosso objeto, teríamos que escolher outro. Optei por uma carretilha preenchida com linha preta. A escolha se deu pelo afeto, por minha mãe e minha avó paterna serem costureiras, mas também por pensar nas possibilidades da linha enquanto o que une e desenha. Além dessa, tivemos outras propostas envolvendo os objetos e fomos também convidados a coletar pela cidade.



Fig. 2. Coletas realizadas na cidade de Montevideu entre os dias 04 e 07 de agosto de 2025.

As assembleias seguiram este fio nos dias seguintes, com propostas interativas, perguntas reflexivas e dinâmicas em grupo. Desenhamos, conversamos, escrevemos, compartilhamos palavras-chave, rimos, brincamos, instalamos objetos, discutimos seriamente, fotografamos, conversamos em roda na beira do lago de carpas e brindados pelo sol. O mais interessante é que, mesmo estando a todo o tempo falando sobre arte e arte educação, não conhecíamos as pesquisas uns dos outros de forma direta e linear, como em uma apresentação convencional de trabalho. Conhecíamos aos poucos a pessoa do pesquisador, seus interesses e suas investigações. Entende? O que quero dizer, Gab, é que a oportunidade de interagir com o outro nos modos como foi proposto, nos colocava em um lugar de deslocamento, tirando a centralidade do que se quer falar para desenvolver a escuta. Era uma convocação para estar presente.

Não vou descrever para você todos os detalhes do que ocorreu no evento porque a carta ficaria demasiado longa. Mas o centro do que quero te dizer é que, entre todos estes acontecimentos tão raros em eventos acadêmicos, percebi que ocorria algo que dialogava com o que tenho proposto a mim e aos estudantes na Universidade: o diálogo aberto, o exercício do olhar, da escuta, de criar a partir do que se encontra na escola, do estar artista pesquisador professor, do pensar a docência a/r/tograficamente. Então, Gab, é por isso que esta carta também fará parte de um texto acadêmico, porque é exatamente aqui que a proposta do evento me trouxe, para este espaço de pensar a escrita de outro modo e “[...] desafiar as hierarquias e formas estabelecidas de produção de conhecimento”.

Na ocasião da submissão do resumo expandido, ainda em junho deste ano, elenquei no texto algumas questões, entre elas: “Que perguntas fazemos em sala de aula que impulsionam formas de criação poética e reflexiva sobre a docência?” e “Que perspectiva de docência é criada quando abrimos espaço para o exercício poético em disciplinas de licenciatura?”.

Durante a experiência do Seminário, discutimos, pensamos e articulamos também diferentes questões. Coletei duas que trago aqui para dialogar com você: “Toda pergunta necessita de uma resposta? Que imagens coletivas fazem parte do seu trabalho?”. Foram estas que me fisgaram, encontraram algo em mim que já estava ressoando.

Como você bem sabe, desde 2019 tenho desenvolvido projetos poéticos nas disciplinas de Estágio Curricular que ministro. As propostas, mesmo algumas tendo “segunda edição”, são sempre distintas. Mas existe um fio que as costura, que é o contexto criativo: o estágio, o ser professor e a escola. De modo geral, eles se configuram como estratégias para observar, pensar e criar artisticamente com e/ou a partir da escola.

Estas aulas e propostas encontram embasamento nas teorias de bell hooks (2017, 2020) e Paulo Freire (2011, 2021), bem como na abordagem a/r/tográfica proposta por Irwin (2005). Amparada em Freire (2011, p. 16) compreendo que “[...] formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho da destreza [...]”, é convidá-lo a experienciar e reconhecer, que, como ensina bell hooks a partir da pedagogia engajada, existem “[...] maneiras de repensar as práticas de ensino e as estratégias construtivistas para melhorar o aprendizado” (hooks, 2020, p. 21).

A small, hand-painted cardboard box, likely a prototype for a product. The box is rectangular and features a vibrant color scheme: a red top, green sides, and a yellow and white grid pattern on the front. The top is labeled "ESQUADRA LEONARDO VIEIRA" and "TUBO 51". The side features a circular logo with the text "ZEBRA PAPER" and a small number "7". The box is made of cardboard and has two green ribbons tied around the top edge.



SIPACV VIII
DES MEMBRES



Fig. 6. Trabalho realizado por Léo Eslabão na ocasião do projeto "Coletas docentes" (2023).



Fig. 7. Envelope de carta escrita por Gustavo Henrique Scheidt na ocasião do projeto "Trocias poético-pedagógicas: correspondências entre estudantes dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais da USP e da UDESC" (2024).

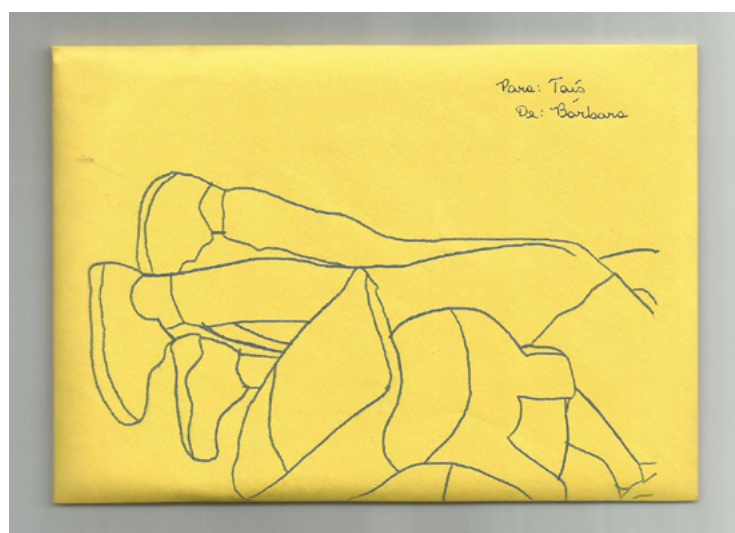


Fig. 8. Envelope de carta escrita por Bárbara Carmo na ocasião do projeto "Trocias poético-pedagógicas: correspondências entre estudantes dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais da USP e da UDESC" (2024).

Cada projeto carrega seus objetivos e especificidades, estratégias poéticas para percepção do espaço escolar, da construção docente e dos tensionamentos político pedagógicos. De modos distintos, os estudantes são convidados a construir imagens, delinear posicionamentos docentes por meio de um olhar atento, exercitar a escrita poética sobre si e a atenção sobre a construção docente do outro, criar a partir do vivenciado no ambiente escolar, e assim, desenvolver um exercício de continuidade no processo artístico em segmento com a prática pedagógica.

Em “Coletas docentes” os alunos receberam uma caixinha de papel e foram convidados a realizar coletas no espaço da escola nos dias de observação e atuação de estágio utilizando este suporte. Estudamos artistas referência que trabalham com coletas e pensamos sobre como poderíamos relacionar a construção docente e artística com as coletas no espaço escolar. Veja com atenção as imagens 3, 4, 5 e 6, Gab, perceba como partindo de um mesmo suporte os estudantes criaram discursos e imagens totalmente distintos, transparecendo suas subjetividades e interesses.

Em “Trocas poético-pedagógicas: correspondências entre estudantes dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais da USP e da UDESC” o convite feito aos alunos das duas universidades era que se correspondessem entre si, trazendo em suas cartas questões relacionadas ao contexto do estágio atual e dos anteriores, observações sobre a escola (espaço, materiais disponíveis, metodologias, etc), relatos de como estão articulando sua formação, bem como de seus interesses e suas experiências como professores. Trocamos ao todo cinco cartas: enviamos três e recebemos duas. Ao final do projeto, todos se conheceram pessoalmente, pois tivemos a oportunidade de visitar a USP.

Ambas experiências fizeram parte de um contexto de estudos teóricos e de pesquisas práticas na escola. Foi possível perceber que as proposições feitas aos estudantes exploraram suas próprias vinculações poéticas, como ocorreu nas cartas enviadas por Gustavo, por exemplo. Ele trabalhou a paisagem como metáfora de sua escrita, ele é pintor e em sua produção visual a paisagem é um dos temas explorados. Ou seja, por meio do projeto ele conseguiu articular de forma direta o pensamento pedagógico e o pensamento artístico, assim, compreendo que os processos artísticos impulsionam as propostas pedagógicas, e do mesmo modo, as práticas pedagógicas podem impulsionar os projetos artísticos.

Então, Gab, quando retomo a pergunta “Como desafiamos hierarquias e formas estabelecidas de produção de conhecimento?” encontro nestes projetos e na estrutura vivenciada no SIPACV pistas de como podemos, enquanto professores e artistas, fazer isso acontecer. É como se eu tivesse encontrado uma pergunta que me incita a continuar. Você me entende? Essa pergunta também te fisga/toca/faz pensar? Como você tem desafiado as hierarquias por aí?

Quanto às questões que coletei na vivência do Seminário (“Toda pergunta necessita de uma resposta? Que imagens coletivas fazem parte do seu trabalho?”), me interessei por elas enquanto impulsão, como algo que me estimula a continuar pensando, testando e estudando enquanto a/r/tógrafa. Perguntas em aberto fazem parte da vida de um pesquisador que pensa a/r/tograficamente, como bem pontuam Springgay; Irwin; Kind (2005, p. 901, tradução nossa):

Artistas, pesquisadores, professores engajados em a/r/tografia estão vivendo vidas de investigação: vidas cheias de curiosidade pontuadas por perguntas em busca de entendimentos mais profundos enquanto interrogam suposições. Fazer a si mesmo perguntas que perduram entre, em meio e/ou dentro de questões visuais/textuais, teóricas/analíticas e pedagógicas/curriculares é viver uma vida comprometida com a investigação, o engajamento ativo e o des/conforto. Muitas vezes é uma vida ansiosa, onde o a/r/tógrafo é incapaz de chegar a conclusões ou estabelecer um padrão linear de investigação. Em vez disso, há um nervosismo, uma reverberação no excesso do processo de duplicação. A pesquisa viva recusa absolutos; em vez disso, ela se engaja em um processo contínuo de não-saber, de busca de um significado que é difícil e tenso.

Nesta busca por uma significação em meio aos excessos e reverberações de uma pesquisa viva, reflito sobre a segunda questão, referente a imagem coletiva do trabalho. Ela me chama a atenção especialmente porque tenho pensado que as proposições que faço, por mais que tangenciem subjetividades, devem sempre prezar por algo maior e coletivo, no sentido de busca de um ensino de arte de qualidade e de uma formação inicial atenta.

Amigo, além disso tudo que te relatei sobre o evento e as relações com minha pesquisa, preciso também te contar outros detalhes. As pessoas em Montevideu são muito receptivas. Eu não planejei visitar um lugar sequer da cidade, escolhi não ficar pesquisando coisas antes de ir, queria que elas acontecessem enquanto eu estivesse lá. E aconteceram. Caminhei muito pelas ruas (que são bonitas e bem arborizadas), o que foi uma escolha acertada para observar as minúcias. Vi “América Invertida” de Torres García de pertinho. Filmei uma performance linda da Aline. Fiz amizade com a Andressa, uma artista querida. Comi muitas medialunas. Visitei museus e livrarias. Fui ao Teatro Solis e assisti a uma apresentação de flamenco belíssima. Fui a um bar de tango e assisti outra linda apresentação de flamenco. Caminhei pela Rambla e conheci o Parque Rodó. O parque é lindo, amigo. Parece pintura. Além disso tudo, posso te dizer que o azul do céu de Montevideu é realmente encantador.

Isso tudo que te trago aqui, Gab, é a vida em movimento, são as coisas acontecendo, que me fazem ter energia para continuar criando os projetos poéticos junto dos alunos, entendendo que a pedagogia engajada “[...] ressalta a importância do pensamento independente e de cada educando encontrar sua voz, que é única [...]” (hooks, 2020, p. 49). Espero que esta carta te encontre bem, e que ela seja o início de uma troca entre nós, da construção de um pensamento coletivo. Me escreva, por favor. Me conta o que tens feito e como tens passado.

Te admiro y te deseo siempre lo mejor. Besos de tu amiga Tharciana.

Referencias

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação com prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando o Pensamento Crítico**: Sabedoria Prática. São Paulo: Elefante, 2020.

SPRINGGAY, Stephanie; IRWIN, Rita L.; KIND, Sylvia Wilson. **A/r/tography as Living Inquiry Through Art and Text**. Qualitative Inquiry, Illinois, v. 11, p. 897– 912, 2005.

Tharciana Goulart da Silva

Doutora (2022) e Mestre (2017) em Ensino das Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/UDESC), graduada em Licenciatura em Artes Visuais da UDESC (2015). É membro dos grupos de pesquisa “Entre Paisagens” (UDESC/CNPq). Atua como professora no curso de Licenciatura em Artes Visuais e no Mestrado Profissional em Artes da UDESC. É coordenadora do Subprojeto Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UDESC) de Artes Visuais. Realiza pesquisas sobre coleções de professores artistas, a/r/tografia e Estágio Curricular Supervisionado. E-mail: tharcianagoulart@gmail.com.